

Politica, Guerra e o Sentimento Panamericano

Comte. CESAR FELICIANO XAVIER

Em torno do conflito que ora é divulgado existir entre as mais altas partes das esferas político-militares do 3.º *Reich* alemão, tem-se estabelecido comentários, considerações têm sido feitas procurando evidenciar o erro do isolamento do problema militar em relação ao político.

Afirmou-se então: "Os altos chefes do exército, técnicos consumados na arte da guerra só orientam suas opiniões pelas lições hauridas nos textos militares, que tão bem conhecem. Como técnicos de guerra que são, pouco ou nada influem em seus cálculos as influências de ordem política".

A existência desse problema dessarte precisado de ha muito é verificado e até mesmo profligado entre nós. Desde a Escola Naval, quando na direção de uma sociedade cultural e desportiva e depois numa série de palestras de natureza diversa em diferentes regiões pátrias, pessoalmente agimos em pról de sua compreensão e das consequentes medidas a serem tomadas.

DEFEZA NACIONAL — DEFEZA CONTINENTAL

O problema da defeza nacional entre nós que não nos lançamos em guerra de conquista inda assim é problema de ordem militar, embora assentando nas possibilidades econômicas do país e visando a independência política da pátria brasileira, política de *paz e justiça* como inscrevemos nas balisas internacionais a demarcarem nosso território desde que fixamos suas fronteiras em 1750, política de fraternidade continental,

último degrau para alcançar a fraternidade humana, universal.

Esse sentimento de confraternização dos povos ameríndios, sentimento hoje tão propugnado e conhecido por *pan-americanismo*, tal movimento realmente traduzindo o adiantado da civilização de jovens povos vivendo livremente no Novo Mundo, êle surgiu, natural e altruisticamente da consciência dos brasileiros.

Foi justo em o meio do século XVIII, em o início do movimento enciclopédico, que *Alexandre de Gusmão* — um dos mais moços daquela família excepcionalmente gloriosa dos Gusmões, mais geralmente lembrada pelo pasmoso *Voador: Bartholomeu Lourenço de Gusmão*, padre, professor, matemático, inventor, historiógrafo, diplomata, acadêmico e pregador (1); sim, foi em 1750 que aquele outro extraordinário Gusmão, o nosso Alexandre, deu expressão oficial à tão brasileiro sentimento, depois a inspirar os precursores da emancipação política dos povos americanos e alguns de seus maiores estadistas e grandes patriotas. (Leiam-se os artigos XXI, XXV e XXXVI do Tratado de Limites assinado em Madrid a 13 de Janeiro de 1750). (2)

NO BRASIL NAÇÃO — HOMENS DE GUERRA PROPUGNAM PELO PANAMERICANISMO

A correspondência trocada entre o nosso inolvidável fluminense José Joaquim da Maia e o grande Thomas Jefferson por 1768 é prova inconcussa do espírito panamericano tão diverso, por isso que oposto, a esses *pans* que se vêm surgir como movimentos de *dominação*, enquanto que o *panamericanismo* surgiu e se desenvolve como *elemento de cooperação*, inclusive na da própria defesa militar contra os *pans*, *expansionistas*.

1) — *O Voador — Bartholomeu Lourenço de Gusmão sua vida e sua obra* — Cesar F. Xavier — Rio de Janeiro 1931 (obra mandada imprimir pelo Ministério da Marinha).

2) — *Alexandre de Gusmão, o Panamericanista*. Memória apresentada por Cesar F. Xavier, delegado do Clube Naval, ao Instituto Panamericano de Geografia e História.

Encorajando, mas de fato sem nada prometer esquivou-se Jefferson do auxílio, o que nem assim desiludiu os brasileiros em sua crença no espírito de solidariedade continental que realmente nutriam. (3)

E, em seu nome apelam os patriotas pernambucanos de 1817, entre os quaes avulta o bravo e culto "Padre Roma" e seu filho, o então jovem Capitão Abreu e Lima, patrono da cadeira n.º 35, por nós fundada neste Instituto. Quanto ao referido apêlo firmou Oliveira Lima: "Recordando a frivolidade do pretexto, com que, no seu dizer, a casa de Bragança enlutára a Capitania, Cruz Cabugá, excita de novo os Estados-Unidos ao altruismo político e tece um hino à liberdade republicana e ao espírito continental ao qual só faltava essa designação somente mais tarde empregada."

E, acrescentaremos nós, o ideal panamericano norteava tanto a brasilidade que vencidos no Brasil os Heróis de 1817, aqueles que escaparam da morte foram a sustentar pelo continente fóra a causa da liberdade. A epopéia Bolivariana, ainda em início, de logo os atraiu. Nela fulguraria alguns compatriços nossos, entre os quaes notadamente destacou-se *José Ignacio de Abreu e Lima*, cujo elógio histórico fizemos neste sodalício a 23 de Setembro de 1941.

Mas a brilhantíssima atuação militar e depois política do *General Abreu e Lima*, que foi ainda o Secretário Geral daquela célebre assembléia anfictiónica que o sublime General Bolívar idealisticamente realizou no Panamá, junção das Américas, e à qual o Brasil Império mandaria representantes, sim, a atuação do culto e ardoroso *Abreu e Lima*, general em grau heróico e eminente dos exércitos libertadores da Grã Colombia, ela corresponde, prova-o a história, ao sentir geral da novel nação brasileira. Inda que monárquica apoiou a política americanista das Repúblicas do Continente.

3) — De Alexandre de Gusmão o precursor do panamericanismo ao grande Chanceller Barão do Rio Branco. (Conferência pronunciada pelo Cmte. Cesar F. Xavier no Instituto Técnico Naval Brasileiro em 10 de Fevereiro de 1931 e publicada na "Revista Marítima Brasileira" de 3 de Abril.

Não foi só. E' um Marinheiro do Brasil, é o Barão do Rio da Prata que foi o *Almirante Rodrigo Pinto Guedes* — sepultado no cemitério de Montmartre, pois fôra na Europa esquecer as perseguições do Marquês de Queluz, tornado seu inimigo por haver o Almirante atacado o Marquês no proceder deste como diplomata, julgando tal proceder contrário aos princípios do direito internacional — é esse Almirante *Pinto Guedes*, quem, inspirado ou não em a criação Gusmoneana, torna-se o propugnador do que se chamaria mais tarde “doutrina panamericana”. (4)

LIGA PANAMERICANA

Esse documento, honrosíssimo para o seu Autor a glória para a Diplomacia patricia, orgulho da Marinha de Guerra Brasileira, esse precioso documento vimo-lo primeiramente referido pelo Almirante Henrique Boiteux, em “Os Nossos Almirantes” e seu texto divulgado depois pelo Sr. Heitor Lyra em trabalho publicado na “Revista Americana”, subordinado ao título “O Panamericanismo no Brasil antes da Declaração de Monroe”. Tal documento, conservado no arquivo do nosso Ministério das Relações Exteriores, e que tivemos a honra de pessoalmente manusear, graças a gentileza do saudoso e eminente Diretor Geral da Bibliotéca do Itamarati, Ministro Napoleão Reys, assim termina: “Em caso de se concluir essa Liga Americana composta dos Estados-Unidos, do Reino, ou do Estado Independente do México, do Brasil, do Reino Americano Meridional e de outros Estados Soberanos porém menores, conforme convier à vista da carta geográfica, e que devem ser interpostos dos Reinos e Estados Maiores, como poderá qualquer Nação da Europa conservar Colônia na América sem que a Liga Americana lhe permita?”

Vemos assim que, pouco mais de meio século após ao alibercamento das bases que constituiriam em breve a doutrina panamericana, ainda ao tempo do Brasil Reino Unido, um Al-

4 — Centenário Bolivariano—Cesar Feliciano Xavier. Conferência comemorativa realizada no Clube Naval e publicada no Jornal do Comércio.

mirante da Marinha de Guerra do Brasil já sentia a necessidade bem clara de um estreito entendimento das nações americanas, a necessidade de uma América unida, política e militarmente.

Não é pois, de admirar fosse o Brasil a primeira das nações americanas e apoiar a doutrina de Monroe, uma vez que ela não mais fez que consubstanciar explícita e formalmente o sentimento nacional manifestado desde Alexandre de Gusmão em 1750.

Não é pois de admirar que um Marinheiro e historiógrafo venha propugnar pelo desenvolvimento da cooperação intelectual, militar e econômica das nações americanas, e lembrar, que tudo isso forjado foi em primeiro neste nosso Brasil.